

# BRASIL — PORTUGAL

16 DE SETEMBRO DE 1907

N.º 208

DIRECTOR — Augusto de Castilho.  
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjé.  
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.  
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa.

## *Viagem do Principe Real*

Sua Alteza em Lourenço Marques



**O Principe na varanda do Gremio Militar**

*Cliché de J. & M. Lazarus — Lourenço Marques.*

## VIDA ELEGANTE

## EM EVIDENCIA

**S**ympathica e insinuante, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Cordeiro Roquette occupa por isso, pelos seus dotes de espirito e pela sua fina educação, um lugar marcado na nossa sociedade elegante. Umavez jogando o *tennis*, outras marcando *cotillons*, destacando-se sempre pela sua graça e intelligencia, Cascaes conhece-a



A sr.<sup>a</sup> D. Maria Cordeiro Roquette  
(Cliché Redondo — Lisboa).

e o «Sporting» reclama-a porque a sua presença se tornou querida e indispensavel.

Na vida de familia, no mais intimo do lar domestico, como no meio da mais elegante sociedade, brilham sempre os dotes do finissimo espirito com que Deus a dotou e que seu pae, um lente de varias escolas superiores, soube descobrir e desenvolver.

.....

## Os filhos dos srs. Viscondes do Tojal



Leonor — Sophia — João — Magdalena e Francisco  
(Cliché de J. Carneiro — Lisboa).

## EM FOCO

**É** portuguez authentico, apesar de ter um appellido allemão. Este, dada hoje a axiomatica theoria da hereditariedade, diz-nos como é que elle possui, em tão alta tensão, a caracteristica da tenacidade no trabalho. Junte-se a isto uma bella e regrada intelligencia e uma feliz e cultivada memoria, e, saber-se-ha porque



Dr. Ruy Ennes Ulrich  
(Cliché Boissonas & Taponier — Paris).

o meu perfilado, com 23 annos apenas, é senhor de vasta e profunda erudição e é... lente da nossa Universidade.

É ouro de lei o seu character, mas, sobre elle, para não lhe beliscar sequer a modestia, limito-me a dizer que poucos sabem tão bem como elle, a verdadeira significação do termo — amizade.

N. B. — Para os cegos — Na Allemanha, especialmente na região do Rheno, ha uma entranhada devoção por Santo Ulrich.

Areib.

## ROSA SEM ESPINHOS

Para todos tens carinhos,  
A ninguem mostras rigor!  
Que rosa és tu sem espinhos  
Ai! que não te entendo, flor!?

Se a borboleta vaidosa  
A desdem te vae beijar,  
O mais que lhe fazes, rosa,  
E' sorrir e é corar.

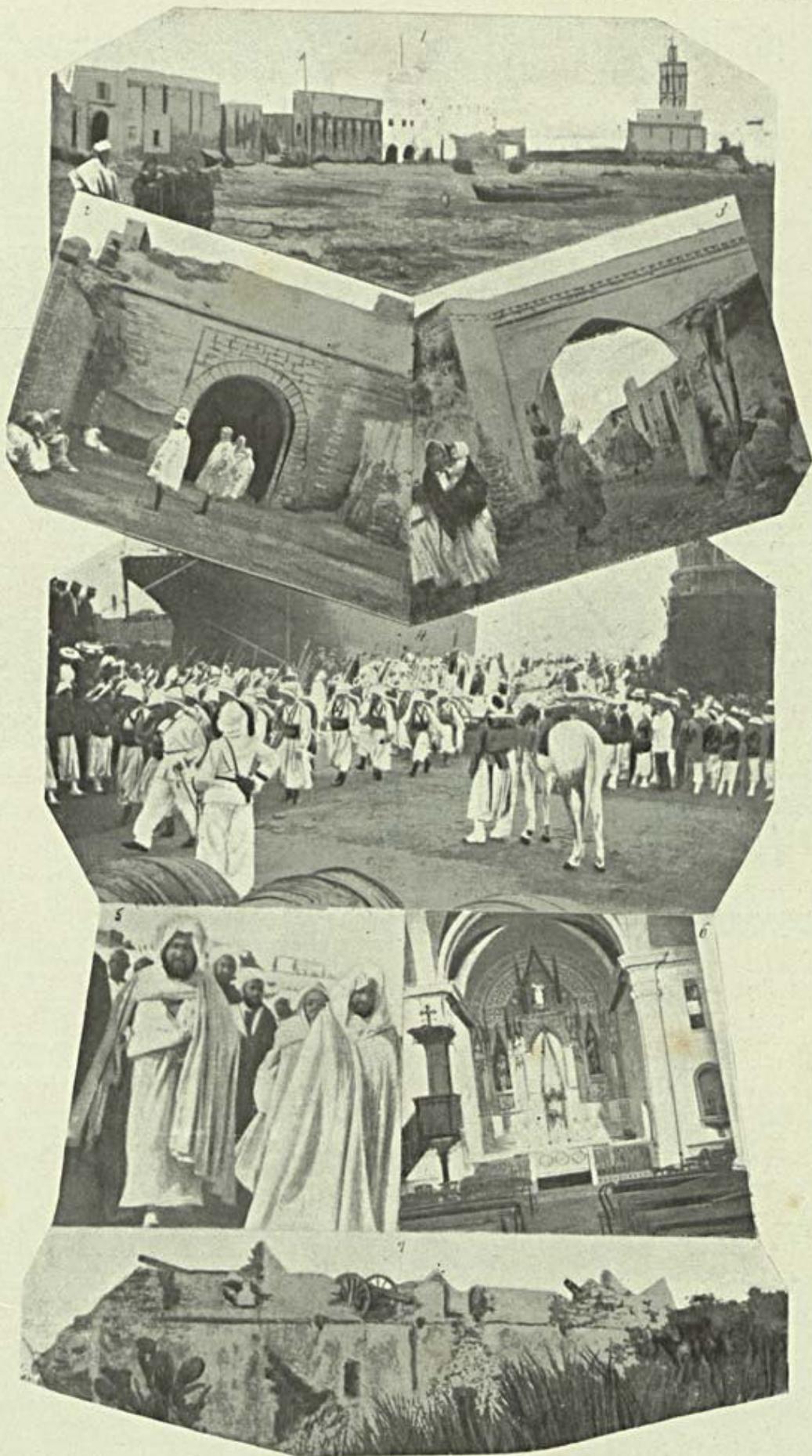
E quando a sonsa da abelha,  
Tão modesta em seu zumbir,  
Te diz — «O' rosa vermelha,  
«Bem me podes acudir;

«Deixa do calix divino  
«Uma gotta só libar . . .  
«Deixa, é nectar peregrino,  
«Mel que eu não sei fabricar.»

Tu de lástima rendida,  
De maldita compaixão,  
Tu á súplica atrevida  
Sabes tu dizer que não?...

Tanta lástima e carinhos,  
Tanto dó, nenhum rigor!  
E's rosa e não tens espinhos!  
Ai! que não te entendo flor,

Almeida Garrett.



1. Praia de Casa Branca. — 2. Porta de Marraquex destruída pelos tiros da esquadra franceza. — 3. O arrabalde judaico de Casa Branca cujos habitantes foram massacrados pelos marroquinos. — 4. Chegada das tropas francezas a Casa Branca. — 5. Os emissarios do governador de Casa Branca, Muley Assin, dirigindo-se ao consulado francez para darem explicações acerca das occurrencias. — 6. Igreja do convento de S. Francisco assaltada e destruída pelos marroquinos. — 7. Estado em que ficaram as muralhas de Casa Branca depois do primeiro bombardeamento.

Casa Branca, onde se tem passado os graves acontecimentos que os leitores conhecem pelos jornaes diarios, era antigamente uma povoação chamada Anfa. Em 1468 foi conquistada e arrasada pelos portuguezes que mais tarde, em 1515, a reconstruíram, dando-lhe o nome pelo qual ainda hoje é conhecida. Destruída em grande parte pelo terremoto de 1755, que assolou Lisboa, teve, desde então até ha poucos annos, uma vida difficil, salvando-a o commercio de cereaes. Em 1906 o commercio de importação e exportação attingiu a cifra de 2815 contos, superior 13 contos ao movimento commercial de Tanger. Os mouros chamam a Casa Branca — Dar-el-Beida.

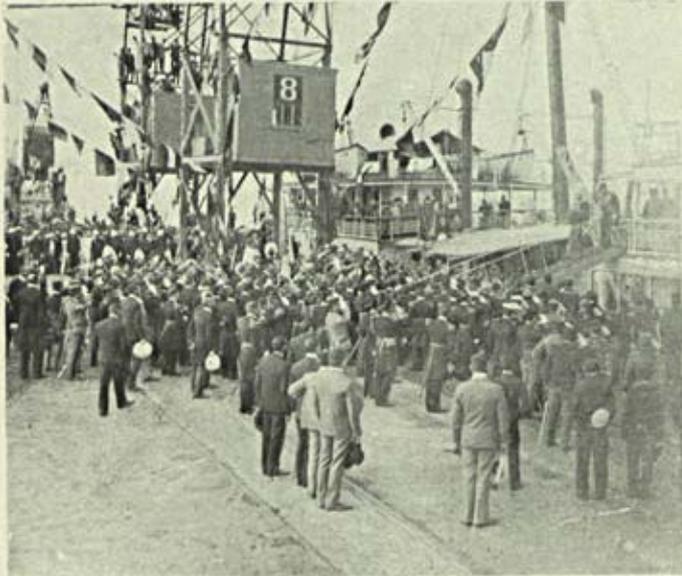
# Viagem do Príncipe Real

# Politica internacional

## Sua Alteza em Lourenço Marques

Enviados pelo sr. Motta Marques, por especial deferencia para com esta revista publicamos hoje alguns instantaneos referentes á visita do Príncipe Real á cidade de Lourenço Marques.

Sua Alteza que por toda a parte, durante a sua longa viagem, tem sido recebido com as honras devidas á sua alta situação e com o carinho de que é merecedor e que os portuguezes sempre soube-

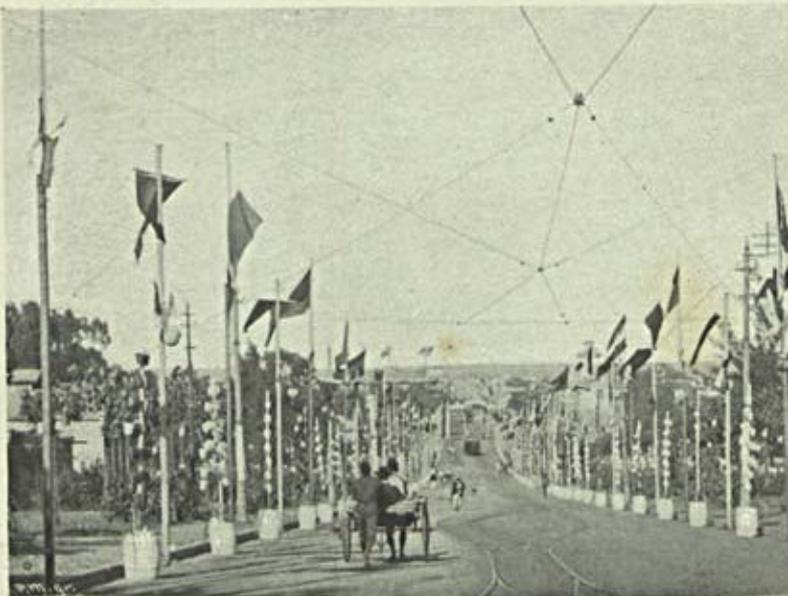


Viagem do Príncipe Real — EM LOURENÇO MARQUES

*O desembarque de Sua Alteza*

(Cliché J. & M. Lazarus — Lourenço Marques).

ram tributar aos seus principes, teve em Lourenço Marques uma recepção ainda mais imponente e festiva do que nas outras localidades, graças á quantidade e qualidade de elementos de que dispõe já aquella nossa bella cidade africana.



Viagem do Príncipe Real — EM LOURENÇO MARQUES

*A ornamentação da Avenida Aguiar*

(Cliché J. & M. Lazarus — Lourenço Marques).

A questão de Marrocos continúa ainda na ordem do dia, concitando as geraes atencões e despertando inquietações bem justificadas pelo caminho que as cousas vão levando no imperio sberifiano.

A insurreição indigena, que teve como consequencia o bombardeamento de Casa Branca, está longe de se considerar dominada. Pelo contrario, os telegrammas recebidos á ultima hora fallam de nova e mais vigorosa offensiva das tribus e



Viagem do Príncipe Real — EM LOURENÇO MARQUES

*Arco triumphal na Avenida Aguiar*

referem-se ao pedido de reforços feito pelo general Drude, comandante das forças expedicionarias. Verdade seja que os mesmos telegrammas nos affiançam que o governo de Paris, apesar d'este pedido, resolveu não enviar os reforços solicitados. Esta resolução, porém, do governo da republica, não significa que a situação das forças europeias não seja melindrosa, mas apenas que a França, desejando evitar tudo quanto possa levantar suspeitas na Alemanha, prefere impôr mais pesados sacrificios ás tropas que se acham na Africa, a enviar novos e mais poderosos contingentes cuja presença em Marrocos podia despertar desconfianças ou ciumes. Como se vê, mais uma vez as conveniencias diplomaticas veem entorpecer a liberdade de acção da França. Se amanhã um desastre qualquer succedesse á columna do general Drude, por ter sido atacada por forças muito superiores, de quem seria a responsabilidade? E' esta situação intoleravel, que o Maghzen sabe explorar em proveito proprio, para zombar das intimações da Europa que, á força de serem desacatadas, acabam por cahir no ridiculo.

Não ha duvida, todavia, que a resistencia das cabildas ha de acabar por ceder diante da disciplina organizada dos europeus. Os mortos ceifados pela metralha dos cruzadores francezes em Casa Branca, lá estão como funebre aviso aos arabes revoltados. Alguns combates mais, e de mistura algum outro porto bombardeado, conseguirão por agora tranquilisar as velleidades de revolta, embora não possam pacificar os animos e fazer aceitar, como punição merecida, o castigo infligido aos perturbadores dos accordos internacionaes. Mas depois?

O dia de amanhã, depois de apasiguada a revolta, é o mais difficil. O plano da "penetração pacifica", tal como se achava delineado no primitivo accordo anglo-francez, fracassou. A repressão actual, se pôde ter a vantagem de convencer os indigenas de que a Europa está disposta de hoje em diante a fazer boas as suas ameaças, por outro lado deixa no animo dos naturaes germens de recôr que não desapparecerão tão cedo, e fermentos de odio que se traduzirão pelo desejo de futuras desforras. Quer dizer, a situação dos europeus em Marrocos va ser a da sentinella constantemente de arma ao hombro, na expectativa de sempre possiveis assaltos. O sonho da penetração pacifica, que havia de fazer dos arabes os doceis collaboradores da Europa para a transformação do paiz, desfez-se.

Com o que temos de contar para o futuro é com um



Viagem do Principe Real — EM LOURENÇO MARQUES  
Arco triumphal na Avenida Teixeira de Sousa

estado de guerra latente em que os incidentes como o de Casa Branca se não de repetir, uns mais graves do que outros, mas o bastante para provocar um estado constante de inquietação, só por si o sufficiente para provocar novos e inevitáveis conflictos.

E' este o resultado para a civilização, da celebre visita a Tanger, que a historia terá de assignalar a seu tempo como um dos acontecimentos mais funestos ao activo de Guilherme II. Se não fosse essa inoportuna visita o accordo anglo-francez estaria a estas horas em plena execução, porque os marroquinos, não se sentindo apoiados por nenhuma potencia, acceitariam o ascendente da França, que n'este caso significaria o ascendente da cultura occidental, com todo o seu cortejo de vantagens e prosperidades para o imperio.

Essa situação unica perdeu a um gesto infeliz. Poucas vezes a influencia nefasta de um temperamento terá tido peores consequencias para os progressos pacificos da civilização.

Continuam na ordem do dia as entrevistas entre soberanos e entre os homens politicos mais em evidencia das chamadas grandes potencias.

A's entrevistas já mencionadas n'estas chronicas, temos a acrescentar a de Ischl entre Eduardo VII e o

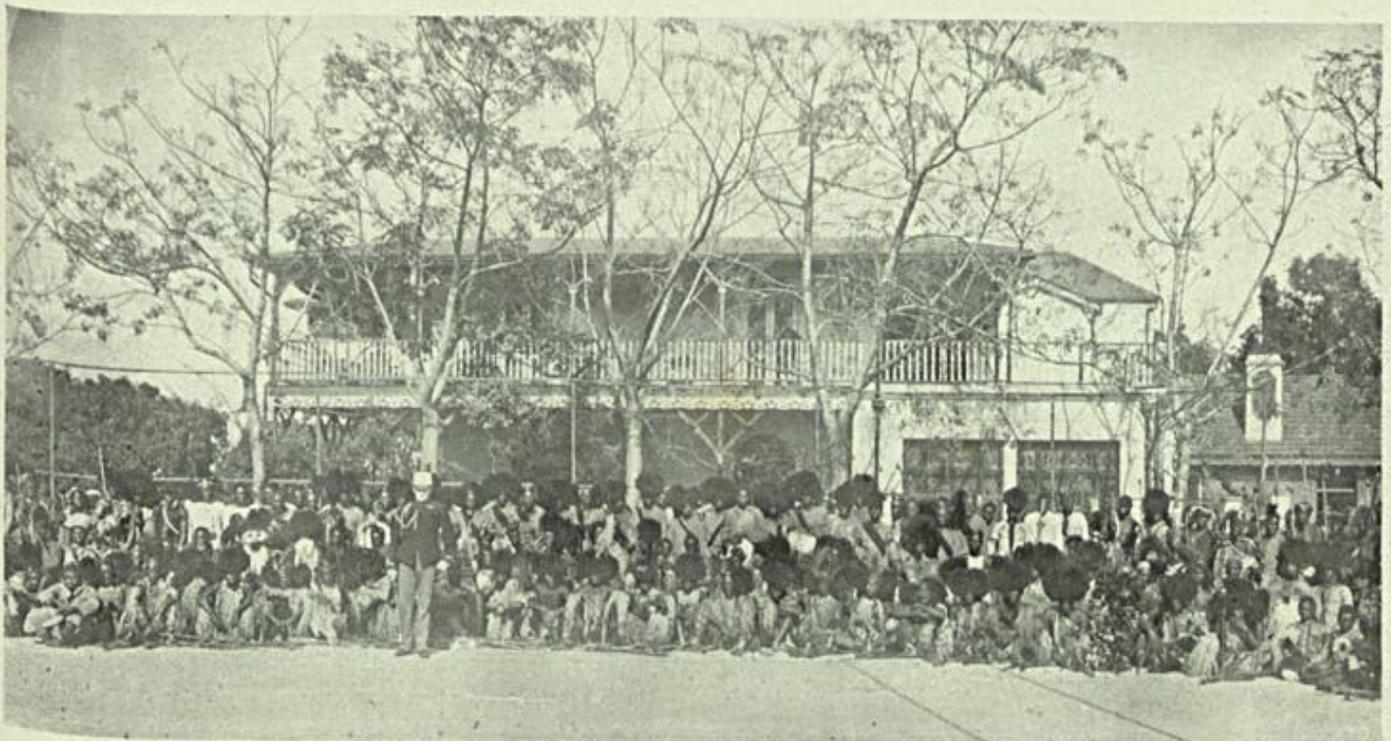
imperador Francisco José, e a de Wilhelmshöhe entre o mesmo Eduardo VII e Guilherme II, assim como a visita de sr. Clemenceau a Eduardo VII em Marienbad e a do sr. Cambon, embaixador da França em Berlin, ao principe de Bülow, nas propriedades d'este ultimo em Norderney. Como se vê, é uma verdadeira contradança entre os mais qualificados representantes das principaes nações. Póde mesmo prevê-se, para dentro em pouco, uma nova entrevista sensacional — a de Eduardo VII e Nicolau II, — que coroará o accordo anglo-russo ultimado de facto e que apenas aguarda occasião oportuna para ser publicado.

Não ha duvida que de todas estas approximações, algumas das quaes seriam ainda ha bem pouco tempo impossiveis, qualquer cousa ha-de resultar favoravel para a causa da paz.

E' preciso, porem, não exagerar o alcance do que se está passando no taboleiro politico da Europa. Estas entrevistas são impotentes para modificar fundamentalmente a situação reciproca de certas potencias. Assim, por exemplo, as relações meramente exteriores e diplomaticas entre a Inglaterra e a Allemanha, podem modificar-se para melhor em resultado da entrevista de Wilhelmshöhe. Mas no fundo, a situação das duas nações, resultado da irreductibilidade de interesses que as dividem, continuará a ser o que era. Para deixar de o ser era preciso que ou a Allemanha se decidisse a renunciar aos seus sonhos megalomanos de poderio colonial e marítimo ou que a Inglaterra se resignasse a perder o primado naval, que lhe assegura a preponderancia em todos os mares do globo. Como não é crível que nenhuma das duas nações se resolva a se-



Viagem do Principe Real — EM LOURENÇO MARQUES  
Sua Alteza na varanda da residencia do governador geral



Viagem do Principe Real — EM LOURENÇO MARQUES — Sua Alteza com os regulos que o foram cumprimentar  
(Cliché J. & M. Lazarus — Lourenço Marques).

melhante sacrificio, que consideraria inglorio suicidio, a situação permanecerá inalteravel, apenas ligeiramente modificada na apparencia. Suppondo mesmo que no encontro de Guilherme II e Eduardo VII não havia pensamento algum reservado, e que ambos sinceramente estão dispostos a aplanar as difficuldades que a todo o momento surgem entre as duas nações, é indubitavel que nenhum d'elles tem força para deter a marcha dos acontecimentos.

A Inglaterra continuará defendendo a sua posição preponderante nos mares. A Allemanha proseguirá na execução do seu sonho de grandezas. E este duello pacifico prolongar-se ha até que um incidente qualquer e a propria tensão dos antagonistas o transforme subitamente n'uma lucta á mão armada que tem de liquidar fatalmente a rivalidade das duas potencias.

A situação na Russia mantem-se sem alteração. De um lado o governo cada vez mais obsecado na sua teima de contrariar todas as tendencias liberaes do paiz, por mais timidas que sejam; do outro lado o terrorismo persistindo em não desarmar e levando a cabo a sua obra de destruição com uma implacabilidade, que mostra bem como são fundos os odios que o tsarismo em volta de si semeou. Quasi se não passa um dia, sem que novas victimas venham accrescentar-se á funebre lista das sentenças da justiça revolucionaria, e indicio algum permite prophetisar quando terminará esta loteria da morte.

Stolypin teve o ensejo de entrar no caminho tão desejado da accalmção, firmando-se no partido dos cadetes, que por mais de uma vez o defendeu na segunda Duma. Não quiz ou não poudo seguir este caminho. O resultado é o que se vê. Mas ha mais. Não só dissolveu a Duma, desprezando assim a valiosa força que tinha á sua disposição, senão que modificou arbitrariamente a lei eleitoral, supprimindo classes inteiras de eleitores, exactamente d'aquelles que constituíam a clientella dos partidos liberaes moderados, os quaes vendo-se assim escorraçados pelo governo do campo legal, é inevitavel que irão engrossar as hostes revolucionarias. Com a nova lei eleitoral nem mesmo se póde prever o que será a futura Duma.

E de duas cousas, uma. Ou, apesar de todas as violencias e medidas restrictivas, a nova assembleia apresenta uma phisionomia identica ás anteriores, ou se transforma para e simplesmente n'uma chancellia burocratica aos actos do governo. No primeiro caso, o conflicto continúa entre o governo e o parlamento, provavelmente com o mesmo desfecho e as mesmas consequencias. No segundo caso a Duma será para todos os effeitos considerada pelo paiz como uma novissima encarnação da burocracia, e as massas populares e até os partidos moderados se lançarão no campo revolucionario como antes do *ukase* de outubro. D'este dilemma não ha que fugir, e qualquer das pontas d'elle é egualmente perigosa para a nação, que está sendo desalmadamente sacrificada pela insignificantissima minoria que está de posse do mando. E' esta a triste perspectiva, que nos offerece a Russia após tres annos de revolução e depois das tremendas desgraças que, como uma maldição, estão cahindo sobre ella desde esse tempo.

..

Durante muito tempo, depois que a questão romana foi resolvida pelas armas, a seguir aos desastres francezes de 1870, não houve na Italia questão religiosa propriamente dita. O papa, melhor ou peor, lá ia vivendo dentro da lei das garantias e a bulla *Non expedit*, afastando os catholicos do parlamento, supprimia temporariamente o pretexto para que a guerra se ateiasse. Ultimamente, porém, a situação mudou bastante.

Em primeiro logar a politica inhabil de Giolitti, tomando ao que parece compromissos com o Vaticano, deu origem por uma natu-



Viagem do Principe Real — EM LOURENÇO MARQUES

*Barracas da feira franca*

ral reacção, ao movimento anti-clerical que vae tomando proporções inesperadas em toda a península. Depois, o exemplo da França foi contagioso, tanto mais que uma das consequencias da separação da Igreja do Estado do outro lado dos Alpes, foi a invasão de um verdadeiro exercito de frades e freiras, que á sombra da tolerancia do governo se estabeleceram no paiz. Que consequencias politicas terá para á Italia o movimento anti-clerical que tão grande intensidade está ali adquirindo?

CONSIGLIERI PEDROSO.

Os homens de espirito original costumam lêr pouco. São elles que ficam sendo os livros preciosos para leitores futuros.



Viagem do Principe Real — EM LOURENÇO MARQUES

*Sua Alteza no campo de Marracuene onde se deu o combate do mesmo nome*

*A' direita do Principe: os srs. ministro da marinha e o tenente Silvestre Abreu  
A' esquerda: capitão Roque d'Aguiar, tenente Graça e alferes Abobora. Todos estes officiaes assistiram ao celebre combate  
(Clichés de J. & M. Lazarus — Lourenço Marques).*



Viagem do Príncipe Real — EM LOURENÇO MARQUES — Um grupo de chefes de guerra

## PROVERBIOS ARABES

Orvalho não enche um poço.



Erudito sem obras é nuvem sem chuva.



A bocca do ambicioso só se enche com terra da sepultura.



Pela paciência se vae á alegria, pela impaciência se vae á dôr.



Quem segue um mocho vae ter a ruínas.



Se a alma não vê, de que valem os olhos?



A vida é como o fogo, começa em fumo e termina em cinza.



Pensar n'um vicio já é um vicio.



A experiencia é o espelho da intelligencia.



A ignorancia é a maior pobreza.



Mais vale uma hora do sabio do que a vida inteira do nescio.



A oração da noite faz o brilho do dia.

Quando fores bigorna, tem paciência; quando fores martello, bate rijo.



Compra o outro mundo com este e assim ganhas ambos.



Condessa de Sarmento

† em 25 de julho de 1907

(Cliché de M. Pozal — Lisboa).

A sr.<sup>a</sup> D. Maria da Conceição do Valle e Sousa de Menezes Mexia Botelho, Condessa de Sarmento, nasceu a 10 de dezembro de 1826 e a 7 de março de 1859 casou com o primeiro Conde de Sarmento, João Ferreira Sarmento, tenente-general do exercito, gentil-homem da real camara, grã-cruz das Ordens de S. Bento e de Aviz, commendador das de Torre e Espada e de Christo e ajudante de campo do Infante D. Augusto e do Senhor D. Fernando.

A fallecida senhora, cuja vida foi sempre um modelo de virtudes, dedicando-se constantemente a minorar o soffrimento dos pobres, descendia da melhor nobreza de Portugal. Um dos seus antepassados, Antonio do Valle de Sequeira, foi um dos mais dedicados partidarios de D. Antonio, Prior do Crato, e um filho d'aquelle, Miguel do Valle e Sousa, bateu-se mais tarde nas linhas d'Elvas, durante a guerra da restauração, como capitão d'infanteria com armas e creados á sua custa.

A sr.<sup>a</sup> Condessa de Sarmento teve sempre a maior dedicação pela Igreja, vivendo e morrendo como exemplarissima christã. Paz á sua alma.

## Escola Pratica de Cavallaria

### Campeonato do cavallo de guerra

#### OS SALTOS

Na segunda quinzena de agosto realisou-se na Escola Pratica de Cavallaria o campeonato do cavallo de guerra, o qual constou de tres provas, sendo uma d'ellas a dos saltos de 10 obstaculos de que publicamos hoje alguns instantaneos.

O primeiro premio (400\$000 reis) foi ganho pelo tenente d'artilha-



Escola Pratica de Cavallaria  
CAMPEONATO DO CAVALLO DE GUERRA — OS SALTOS  
*El-Rei subindo para a tribuna*

ria Jorge Van Zeller que montava um magnifico cavallo de raça anglo-hespanhola da coudelaria Albarran.

O 2.º, 3.º e 4.º premio foram respectivamente ganhos pelos tenentes de cavallaria 2, Oliveira Reis, do estado maior de cavallaria, Silveira Ramos e de cavallaria 4, Mendonça.

## A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

XXXII

*Calor. — Os que gostam e os que não gostam d'elle. — Os dias de setembro. — O martyrio. — De sala para sala. — A janella. — A Natureza em roupas brancas. — O claro sol amigo dos heroes. — Monotonia nos ares e cá em baixo. — Tudo doirado. — Aspecto de magica. — Porque o chronista não vae para o campo. — O campo é uma santa historia. — E' bello, litterariamente. — Desillusão de quem, conhecendo-o pela leitura, cae na ascieira de o ir gosar. — A proposito das novas ruas e das consagrações de esquina. — Uma profanação. — O baptismo de uma mercaria.*

Ora até que emfim! E' caso para dizer: tardou mas arrecadou. Sua excellencia o calor dignou-se entrar no exercicio das suas funcções. E veiu com taes ganas de fazer se sentir, que uma pessoa anda por essas ruas com a impressão de que transita sobre um brazeiro. Uff!

E pensar a gente que ha quem goste muito d'este tempo! Oh Senhor, mas de que são feitas essas creaturas? Chego a suppôr que não são de carne e osso. De carne e osso sou eu e este tempo faz-me soffrer tanto pela carne e pelo osso, que receio muito vir a ficar, mais dia menos dia, apenas um contrapeso d'homem — um grande osso com um bocadinho de carne.

Que pavor! Sae a gente do seu banho e mal começa a enxugar com o lençol um lado, desata a transpirar por outro. Pensa-se: isto é do quarto, do calor da agua. Vestimo-nos á pressa e passamos a outra sala. Peor. Vamos para outra. Adeus minhas encommendas — é o caso

da emenda e do soneto. Vae-se para a meza e não se come. Bebe-se, bebe-se muito. N'estas alturas intervem um abanico. A cabeça pesa; os olhos papudos. Respira-se fundo. Toça a levantar, vamos para o corredor. Isso sim! Desabotoa-se o colarinho, passa-se o lenço pela gorja. Que horror! Vamos lá um bocadinho á janella. Abrem-se as portadas de madeira prudentemente cerradas para impedir a invasão do «claro sol amigo dos heroes». E apparece então aquillo a que eu chamo a natureza em roupas brancas. O ceu azul, muito azul, todo azul, sem a



Escola Pratica de Cavallaria  
CAMPEONATO DO CAVALLO DE GUERRA — OS SALTOS  
*Jorge Van-Zeller saltando no seu cavallo «Albarran»*

manchasiuha de uma nuvem. No meio, o sol, muito doirado, muito faiscante, muito redondo, lembrando uma grande placa escrupulosamente limpa a Pomada Amor. Dô vontade de mandar gravar-lhe letras e apro-veital-o em serviço terreno, pregando-o no cunhal de uma porta a anunciar — *Souza, cirurgião dentista.*

Cá em baixo, zimborios, torres, telhados vidraças, fachadas, portas, calçadas, pessoas, coisas, tudo doirado, uniformemente doirado, desesperadamente doirado. A cidade vista do alto da colina em que habito, agora, n'estas manhãs abrasadoras de setembro, dá a impressão exacta do scenario banal de um quadro de magica que se intitulasse — *O paiz amarello.*

E' sabido que este tempo exerce uma acção deprimente nos organismos. Sente-se a gente incapaz de movimentos, enovelada n'um torpor, a cabeça pesada. Mas este outro symptoma da deprimencia geral, que é a quasi paralyzação cerebral, que nos annulla as facultades de trabalho mental, essa, quero crer que provém não da acção do tempo,



Escola Pratica de Cavallaria  
CAMPEONATO DO CAVALLO DE GUERRA — OS SALTOS  
*Alferes Oliveira no cavallo 11 saltando a banquetta irlandeza (Clicia de José Bruno de Cabedo — amador).*

mas da bestificadora uniformidade dos aspectos: este inalteravel firmamento que parece ter sido pintado em Sacavem, este sol de dourador, estas arvores de basar de tres vintens, hirtas, sem movimento, amadorradas sob a placa candente do astro-rei. Ai, que sécca!

Dir-me-hão: mas porque não vae você para o campo? E eu respon-derei: não vou por duas razões: a primeira, porque não posso sahir do

Lisboa, a segunda, porque mesmo que pudesse sahir de Lisboa, não queria. O campo!... Mas o campo é uma santa historia!... Compreendendo-se por campo uma magnifica quinta bem murada, vasta, muito arborizada, com pomar, com jardim, com horta, agua corrente, sombras de grandes umbrellas de folhagens rumorosas e no meio de tudo isto uma excellente casa, com pé direito, amplas janellas, com seu quarto de banho e mais commodidades indispensaveis. Isto, sim. Mas o campo que na grande maioria dos casos se pode gosar, a casota alugada com



Escola Pratica de Cavallaria

CAMPEONATO DO CAVALLO DE GUERRA — OS SALTOS

Alferes Abreu Campos saltando a banquetta irlandeza

quatro casinhos escuros onde a gente anda ás turras, uma velha cozinha com buracos no tecto, portas que não fecham, cheirando a bafio, com uma estrumeira ao lado d'onde sahem milhões de insupportaveis e immundas moscas, um porco a fossar á rectaguarda, quatro galinhas debicando immundicies á frente e um boi philosophante a distancia — é o peor dos martyrios.

O campo é bello litterariamente. Lê a gente um romance de Julio Diniz, um trecho de Ramalho, um conto de Alberto Braga, e fica adorando o campo como ama uma mulher que nunca viu mas sonhou. Sentem-se um grande enternecimento por tudo: o carro que chia na veiga, a nora que geme na horta, a camponesa que canta na eira, a ovelhinha que bále no corrego, o fumo que sobe da chaminé do humilde casal, as lavadeiras rubicundas que batem roupa nos seixos do rio, a macieira carregada de fructo...

Mas deixe-se qualquer embalar por esta cantiga e caia na asneira de ir verificar no local proprio essas bellezas, e então verá que o carro que chia na veiga é um estafermo horrivel que lhe dá cabo dos ouvidos, que a nora que geme na horta é mais insupportavel que a sogra que rugo em casa, que a camponesa que canta na eira seria pateada num theatro de feira, que a ovelhinha que bále no corrego é uma porcellona cheia de pulgas, que o fumo que sae da chaminé do humilde



Escola Pratica de Cavallaria

CAMPEONATO DO CAVALLO DE GUERRA — OS SALTOS

Alferes Abreu Campos n'um dos saltos

(Clicks de José Bruno de Cabedo — amator).

casal é uma crassa e espessa fumarada de carqueja que provoca accidentes de tosse, que as lavadeiras rubicundas que batem roupa nos seixos do rio teem verrugas no nariz, os beijos gretados e os pés sujos, e que a macieira carregada de fructos offerece por cada um d'elles uma enterite ao desgraçado que o trague.

Isto, não entrando em linha de conta a pocira suffocante das estradas sem rega, a ausencia absoluta de peixe, a carencia de carne, que

apparece, pouca e má, uma vez por semana; o pão cosido ao sabbado e comido duro durante seis dias e, peor que tudo isto, o isolamento.

Nada, nada! Nunca pensarei no campo enquanto não puder realisar o ideal do D. Manuel Santa Iria: uma grande quinta — com porta para o Chiado.

Ha um anno, approximadamente, e em uma d'estas desenfastiadas palestras, referi-me ao sem numero de ruas ultimamente abertas em Lisboa e á febre de immortalisar nomes illustres por motivos os mais diversos e alguns por motivo nenhum, pespegando os nas esquinas d'essas ruas, maleita que acommetteu a excellentissima camara municipal de Lisboa. Achei então, como agora, porque não sou dado a mudar de opinião, muito ridiculo que se tente perpetuar nomes de insignificantes vivos e mortos a par de gloriosos nomes de mortos e vivos. E' claro que não fiz, nem farei agora a selecção. Quem quizer que vá buscar — como diz a cantiga do preto. Vão vér, como eu fai.

Ora succede que passado um anno sobre o meu reparo, coisa mais grave se offereceu aos meus olhos attonitos. Foi ante-hontem pela tarde. Percorrendo o novo e bonito bairro dos Castellinhos, fui ter á rua Anthero do Quental. E' uma arteria larga, em declive suave, com construcções de caracter accentuadamente burguez mas accetaveis, silenciosa, alegre, limpinha. O nome do pobre e grande Anthero podia estar escripto em esquinas de melhor rua; mas, emfim, vamos, que podiam tel-o sujeitado a peor situação.

N'isto ia eu pensando e descendo vagarosamente a rua, encostado á bengala e de nariz no ar, quando repentinamente estaco e fico chumbado ao chão...

Que julgam os senhores que eu vi?

Não matutem, que não lhes vale a pena. Por muitos tratos que dessem á imaginação, não conseguiriam adivinhar. A mais exquisita phan-



Escola Pratica de Cavallaria

CAMPEONATO DO CAVALLO DE GUERRA — OS SALTOS

Alferes Abreu Campos saltando uma sebe

tasia não pode produzir coisa que se compare ao que eu vi, e que toda a gente pode vér para pasmo e vergonha de nós todos.

Foi isto: sobre duas portas ladeadas de saccos de feijão, grão de bico, arroz; engalanadas com vassouras, abanos, tachos, restes d'alhos, em grandes, gordas, enormes letras, lê-se:

#### MERCEARIA ANTERO DO QUENTAL

Julgam que eu vou agora dirigir-me ao senhor vereador ou administrador municipal que auctorisa a postura de taboetas ou pintura de disticos na via publica e pedir-lhe contas d'essa profanação?

Pois enganam-se.

O illustre edil, muito logicamente, deve conhecer o merceeiro, e mais logicamente ainda, deve desconhecer Anthero do Quental.

E' ainda bem — para os dois.

CAMARA LIMA.

Subordinar a razão á auctoridade é pôr uma albarda sobre uma pupura.

Amesquinhar o que é grande é esmagar um perola; engrandecer o que é mediocre, é encher de fumo um papo de peru.

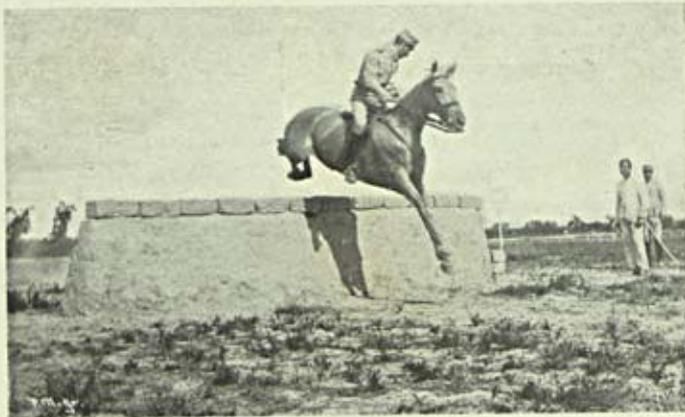
As festas do amor são como as da sociedade; deve a gente retirar-se antes de se apagarem as luzes.

## O Templo de Delphos

O mais bello dia na vida de um grego, na idade em que a memoria se deixa impressionar fortemente pelas grandes cousas, era aquelle em que podia juntar-se ás theorias sagradas que se enviavam a Delphos, para formarem parte da multidão. E essa mesma multidão era o espectáculo maior do mundo. Doze póvos a um tempo, de todos os pontos da Grecia, até mesmo das cidades inimigas, marchavam pacificados, coroadas as frentes com o loiro de Apollo, e, cantando hymnos, subiam a montanha santa do deus da luz, da paz e da harmonia.

Delphos, todos o sabem, é o centro do mundo, o ponto mediano. Jupiter, querendo certificar-se d'isso, lançou dos pólos, um dia, duas aguias, as quaes justamente se encontraram no cimo do Parnaso. Todo aquelle paiz d'ásperos rochedos, de precipicios, de grutas obscuras habitadas por genios desconhecidos da terra, é, — entre as regiões humanas da Thessalia, da Beocia, — um mundo á parte, um sanctuario selvagem que os deuses reservaram para si. A' entrada do desfiladeiro das Thermopylas, fica o temeroso templo da antiga Ceres e da soturna Proserpina, sua filha, as quaes guardam a porta da Grecia. Sobre os valles estreitos, muitas vezes negros e profundos, rochedos que da grande cadeia avançam em promontorios, mostram-se, banhados na luz os seus ninhos d'aguias, que são cidades, templos scintillantes coroados de estatuas.

Estes combates da alva e do dia recordam ao passante que está nos logares memoraveis onde o formoso deus do dia, com o seu arco de prata, venceu'o dragão das trevas, Python, cujo hálito in-



Escola Pratica de Cavallaria  
CAMPEONATO DO CAVALLO DE GUERRA — OS SALTO  
Alferes Castro Constancio saltando um muro

fernal espalhava a noite e a morte. Apollo permanece ainda no lugar da sua victoria, sobre os rochedos que d'ella foram testemunhas, lugar fatidico, austero, do qual só o aspecto eleva, illumina, purifica o espirito.

E' aquelle um lugar menos grande do que grandioso. Tudo é moderado na Grecia, tudo é feito á medida humana. O Parnaso, imponente sem ser gigantesco, domina com o seu duplo cimo a bella planicie que vae d'ali até ao mar. Do alto d'elle, brota Castalia, fonte pura e fria, d'agua virginal e transparente, digna de servir semelhante templo, casta como as Musas e o deus que as preside. Phebo é um deus solitario. Se amou Daphne (o loureiro), foi em vão. Depois d'isso, não teve mais que dois amores, a Melodia e a Luz.

A meia encosta, acima da cidade de Delphos, assenta magestoso o templo. Em torno d'elle, um recinto povoado de monumentos que todos os povos gregos, estrangeiros, na sua piedade reconhecida, ali edificaram em desordem. Cem pequeninos templos ali se vêem, thesouros onde as cidades guardavam o seu ouro sob a vigilancia do deus. Em grupos irregulares, um povo inteiro de marmore, de ouro, de prata, de cobre, de bronze (de vinte bronzes diversos, cada um da sua cor), milhares de mortos gloriosos, sentados, de pé, ali estão radiantes. Verdadeiros vassallos do deus da luz, de dia, são um vulcão de deslumbrantes reflexos, que a vista não supporta, de noite, espectros sublimes, estão sonhando.

Aqui, a immortalidade é sensivel, e palpavel a gloria. Era preciso que um coração joven fosse desherdado para sempre do sentimento do bello, para se não sentir commovido. O primeiro sentimento é a bondade dos deuses. Elles ali estão, esses deuses gregos, no mesmo plano com os heroes historicos ou mythicos, sem orgulho, em boa amizade. Todos teem entre si uns tons impressionaveis de parentesco. Ulysses conversa com Themistocles, e Milciades com Hercules. O cego Homero senta-se regamente deante dos seus deuses em pé. Pindaro, com a lyra sagrada, a toga triumphal, pontificalmente, canta ainda. Em torno d'elle, estão os que elle cele-

brou, os vencedores d'Olympia, de Delphos. A Grecia é-lhes reconhecida pela belleza que elles revestiram; agradece-lhes o terem, pelo constante trabalho da escultura viva, pela forma admiravel, realiado Hermes, Apollo ou Hercules, e quem sabe? Pallas e Jupiter. A estatuaria perpetuava isso, transmittia-o em imagens immortaes, que guardassem para sempre o clarão, por demais rapido, onde um momento os deuses foram vistos.

Quando os olhos se habituavam um pouco a esse esplendor, quando olhavam uma a uma aquellas cabeças divinas, altivamente



Escola Pratica de Cavallaria  
CAMPEONATO DO CAVALLO DE GUERRA — OS SALTO  
Alferes Jara de Carvalho no cavallo Elmo saltando a vedação de travessas de caminho de ferro

desenhadas sobre o azul profundo d'um ceu puro, que impressão devia causar a *via sacra*, a subida de Delphos! E que elevadas palavras devia o coração ouvir d'aquellas bôças mudas! Que doces e fortes lições, que nobres estímulos! Dos vencedores d'Olympia ao seu cantor Pindaro, do grande soldado de Marathoua, Eschylo, aos Aristides, aos Epaminondas, dos valentes de Platea á prudencia dos sete Sabios! Forte e Sublime cadeia onde o coração se engrandecia! Ouvia elle perfeitamente: "Approxima-te e nada temas. Vê o que eramos, d'onde partimos e onde estamos. . . Fazê como nós. Sê grande em acções e em vontade. Sê bello; embelleza-te de formas heroicas e de obras generosas, que encham o mundo de ale-



Escola Pratica de Cavallaria  
CAMPEONATO DO CAVALLO DE GUERRA — OS SALTO  
Alferes Pereira Coutinho saltando um muro  
(Cliche de José Bruno de Cabedo — amador).

gria. . . Trabalha, ousa, entra, ahí tens! Pela lucta ou pela lyra, cantor, athleta ou guerreiro, começa! Dos jogos aos combates, sôbe, creança!

Jules Michelet.

Na junta de recrutamento:  
— Porque é que você não appareceu quando foi intimado para tirar o numero?  
— Com respeito á lei, sr. doutor.  
— Qual lei?  
— A que prohibe o jogo de azar.

# MONT'ESTORIL

## Nos tempos do Passeio Publico

### II

Assim como a França tem a incomparavel praia de Biarritz, a Hespanha San Sebastian e a Belgica Ostende, Portugal que de dia para dia mais vae chamando a attenção dos estrangeiros, possui o Mont'Estoril, a rainha das praias portuguezas, que não só como tal é recommendavel mas tambem por constituir a mais bella e adequada estação intermediaria entre a America e a Europa.

Clima deveras ameno, não conhecendo os rigores do calor do novo mundo nem os frios do norte, quem n'elle permanecer durante quinze



Mont'Estoril — Vista panoramica

dias, installado n'um bello hotel, fica apto para correr o resto da Europa, sem perigo de doenças motivadas pela rapida mudanca de temperatura.

Dia a dia o Mont'Estoril progride como estação de inverno para o que muito contribue a imprensa estrangeira, em especial o *Daily Telegraph* e o *New York Herald*, jornaes universalmente lidos e que todos os dias publicam o boletim da temperatura mont'estorilense, vendo-se, por esses boletins, que a esplendida praia portugueza possui grandes vantagens sobre outras localidades do estrangeiro com grande reputação de amenidade.

Poucas vezes se encontra, como no Mont'Estoril, um conjuncto mais harmonico de villas e chalets cuja architectura cosmopolita, ajudada pelo sensato plano que presidiu á formação da bella instancia, expõe ao mundo, a par da maior belleza, o maximo luxo e conforto.

O Mont'Estoril tem como refrigerio florestal tres bellos parques — o da illustre duqueza de Palmella, o do «Vianna» e o do «Gourlade» destacando-se o primeiro d'entre os tres.

Deus, desejando que nada faltasse na pittoresca localidade a quem as limpidas aguas do Atlantico concedem regalias balneares de primeira ordem, dotou ainda o Mont'Estoril com magnificas aguas thermais sumptuosamente aproveitadas.

O Mont'Estoril que pelas suas largas avenidas vê muitas vezes pas-



Mont'Estoril — Os grandes hoteis

(Clichs de Abel Barradas — amator).

sar as mais ricas equipagens e automoveis, possui tres hoteis de requintado luxo — o *Grand Hotel*, o *Grand Hotel d'Italie*, e o *Royal Hotel*.

Tem dois casinos com vastas salas sendo a admissão dos socios por meio de apresentação, clausula de que estão isentos os membros do corpo diplomatico e os forasteiros de cathegoria.

Para tão avantajada empreza, que por si só daria grandes bacamartes de prosa, poemas de todos os generos até, requerer-se ia estro e folego, mas, se esperarmos que alguém com tão altos predicados metta hombros á obra, ficaremos de balde á espera de uma historia que se não chega a escrever; dando, porém, cada um de nós informação do que viu e ouviu irão avultando os subsidios para que algum Tacito de futuro consiga erguer tão precioso monumento.

Aos domingos e dias santificados, do meio dia ás tres da tarde, hora esta em que n'aquelles tempos historicos quasi toda a gente jantava, ia de inverno uma das bandas da guarnição, por serviço de escala, deliciar os passeantes; de verão, ao cahir da tarde, até



Mont'Estoril — Casino Internacional

que a fatidica sineta viesse pôr toda a gente na rua, excepto, é claro, quem se resolvesse a, em troco de meio tostão, prolongar o goso até á meia noite. Eram estas as horas de verdadeiro esplendor do Passeio, em que se agitavam discretamente n'um passear, pautado pelas melhores normas do codigo de bom tom, as saias de balão; em que se sacudiam nervosamente as cabelleiras compridas dos homens da moda em discussões bysantinas. Falava se do celebre Napoleão de barro, o terceiro do nome; de Solferino e de Magenta; da lueta da Prussia e Italia contra a Austria, sobre a qual o *Jornal de Commercio* fazia kilometricas descrições; do ultimo folhetim, dos ditos felizes do Roussado, e mais tarde do Ramalho e



Mont'Estoril — «Chalet» de S. M.ª Rainha Senhora D. Maria Pia

do Eça; de Rossi, o actor celebre na Europa, do qual disseram: não admira que você (Rossi) se João Jacques roçou (Roussesu). Qual era o novo calemburgo do Duarte de Sá, perguntava-se com interesse; Roussado demonstrava n'um folhetim ácerca da lama que era muito bom para o janota e escorregar e cahir em dias de chuva deante das janellas da sua bella, porque assim, começando esta por se rir d'elle, acabaria infallivelmente por se rir para elle; Julio Cesar Machado, n'outro folhetim, tratando do luxo disse, que um fidalgo da provincia, querendo se apresentar n'um baile e tendo o fato n'uma lastima se lembrou de chamar o alfayate e de lhe entregar para novo fato um pedaço de panno de Arrás, arrancado á parede. Apanhava-lhe um dos anjos do panno as costas todas; assim se apresentou e, ao verem n'ó, todos o admiravam e diziam: que luxo! tão acosturados andavam ás luxuosas excentricidades com que o perdulario ao dissipar a fortuna ia resvalando para a miseria.

O que, ao de leve sequer, podia apresentar o mínimo ressaibo litterario, de mais ou menos apurado gosto, provinha infelizmente de uma restricta camada da população, divorciada, como se achava, a grande maioria d'ella de qualquer commercio com as letras. Estava-se a vêr uma nesga de terra, em que os toureiros andavam cobertos de ouro e em que, andrajosos, teem ido grandes poetas procurar o ultimo refugio n'um triste leito do hospital, ou em misera espelunca.

As atenções do gentio, que se entrecruzava n'aquelle kaleidoscopo do Passeio, não tinham decerto por alvo os litteratos, homens com o mau séstro de frequentadores assíduos do Penim — semi taberna que Manuel Roussado cantou em versos *armados em bico* — homens sempre á *divina*, n'uma vida airada incessante, com a cabeça cheia de ideias e as algibeiras de cotão. O que se gostava alli de vêr e a quem se rendiam sempre interesseiros cumprimentos era aos *brasileiros*, pés de boi, de Panamá authentic, amplamente desabado, grilhão pendente, *bengala de unicornio com castão de ouro*, como disse o Garrido no meio dos primores da sua *Bengala*.

Viam-se ainda, no meio d'aquelle formigueiro de gente, gosando de estima e de geral acceitação, soberbos exemplares de politicos da provincia e de cá, correctamente apurados, sobrecasaca, chapéu alto e charuto espetado n'uma boquilha enorme, lançando bem orgulhosos das suas pessoas amplas baforadas de fumo para o espaço, falando e andando gravemente, discreteando com apurmo e pausa sobre assumptos de regedoria, porque a mais não lhes alcançava o apoucado bestunto. A' noite, com outros charutos, as mesmas sobrecasacas e chapéus altos, eram certos nas mesas do Martinho, sorvendo em demorados golos o classico café acompanhado de genebra, sem nunca terem praticado a ousadia de se lançarem ao meio de *França quente* com uma casquinha de limão, o que lhes repugnava tanto á sisudez congenita, como á elaboração da minima ideia nos seus cerebros de granito. Aquelle velhaco do Rodrigo da Fonseca, que despachou uma vez, o pretendente teimoso, que depois de muito o ter massado conseguiu n'um só gesto exprimir-se com muito mais eloquencia, do que até alli tinham tido as suas palavras, e a quem recommendou que não dissesse a ninguem qual o empenho de que se tinha ser-

prios quartos de hotel os que vinham de fóra, tinham dependurado da parede, como emblema profissional, de efeito meramente decorativo, um quadro, em que estava encaixilhado um exemplar da carta constitucional e por isso não admira, que no mesmo parla-



Mont'Estoril — Casa genuinamente portugueza

mento, em que desferiu os vãos a aguiá da tribuna, que se chamou José Estevão, esmagando com a voz poderosa o estrangeiro oppressor, os ataques á liberdade, viesse um *quidam*, que por nome não perca, dar de arrosas a supina definição, de que eram — arroz e agua — o que motivou o incisivo áparte de Chancelleiros — isso é uma canja!

Em épocas, bem revoltas, como a da effervescencia dos *penicheiros*, a da *janeirinha*, e em varias outras, não era do Passeio que se servia quem desejava arengar ás massas de povo, o que seria talvez devido um pouco ao facto de não se admittir a entrada a quem não se apresentasse correctamente vestido, e bastante ao motivo devéras ponderoso de haver sentinella e guarda no topo do norte.

Electricos, automoveis, todos esses meios de locomoção, que o progresso mais tarde veio dar, não existiam, mas eram para recluir os trens, cujos cavallos, fustigados com ancia, batiam á desfilada, sendo de todo cegos para este genero de *sport* os olhos policiaes.

☞ Alli, dentro do passeio, mantinhamos sob esse ponto de vista, a integridade das nossas costellas, era um regalo o pensarmos que



Mont'Estoril — «Chalet» do sr. Luiz de Sommer

vido, esse homem, de habilidade excepcional, dizia que aquelles deputados, como as casas, só se deviam comprar depois de feitos. Nos seus gabinetes os que moravam em Lisboa e até nos pro-



Mont'Estoril — «Chalet» do sr. Conde de Curia



Mont'Estoril — Villa do sr. Conde do Rego Botelho  
(Chiebra de Abel Barraças — amador).

não poderíamos ser atropellados por qualquer pedaço de asno, que, muito temente a Deus, se andasse entretendo a pôr-nos a vida em risco, ou, pelo menos, a salpicar-nos de lama. Foi essa a principal commodidade que a bella Avenida de hoje nos roubou, sendo pouco amplos os passeios de cada um dos talhões em que ella se divide e correndo se o risco, na passagem de um para outro, de fazer jus a ir para a morgue com o corpo feito pedaços, tal é o delirio da velocidade, a que actualmente se está dando quem não pode ou não sabe, empregar o tempo em coisa util e tal é o criminoso desleixos dos que devendo remediar o estado de coisas, as vão deixando correr á revelia.

A' mesa de café: o receio dos ouvidos indiscretos dos que abancam nas proximidades; em pleno Passeio: havia ensejo para tudo se dizer, para de tudo se tratar, longe de ouvintes incommodos e até da tremenda hypothese de ficar com os ossos n'um feixe. Nada de admirar era, pois, que aquelle sitio, demais a mais aprasivel, fosse o escolhido para todas essas pequenas conspiratas, preliminar indispensavel para luctas de imprensa, do parlamento e de varias associações, em que se iam exercitando os que alvejavam por virem um dia a ser paes da patria. Uma d'estas, que andou arrastando por muito tempo vida bem accidentada, e d'onde nada sahiu de util, ao que supponho, tinha este kilometrico titulo: Associação protectora dos melhoramentos das classes laboriosas — excellente para telegrammas e nos dias de hoje para communicações telephonicas.

O primeiro intrujão, que Palmeirim nos descreveu, homem possuidor dos segredos da philosophia da agricultura e de outras coisas mais, que, principalmente, descobriu o segredo de apanhar dinheiro ao governo, como depois d'elle muitos outros fizeram, não chegou a pisar a areia encarnada do Passeio Publico, no que foi mais ditoso o seu collega Pomada Florestal. Se quiz re-crear-se por aquelles logares teve de visitar uns miseros hortejos, onde o boi ou o burro, tocando a nóra, extrahiam a agua vivificante da repolhuda alface, que alli mesmo aos pacatos burguezes da Baixa, os que tinham de recolher a casa ás Ave-Marias, era servida na salada indigena.

Esta salada, que adrede aqui puz para que a historia, um dia, não se esqueça de fazer d'ella condigna menção, teve a honra, como refresco ministrado ao gentio em dias calmosos, de



Mont'Estoril  
Grupo de «Chalets» «Villa Sarah» do sr. Antonio Maria da Costa,  
do Rio de Janeiro

## Redempção

Debate-se no leito a grande peccadora,  
A sêde lhe calcina os labios e as entranhas,  
Seus olhos já não tem a limpidez d'out'rora,  
Perpassam-lhe na mente umas visões estranhas...

Agitada, febril, convulsa, delirante,  
Tem gritos de afflicção, e raivas explosivas...  
Acodem-lhe á lembrança, em tão cruel instante,  
Das noites de prazer as scenas mais lascivas.

Vendera-se em leilão, reinára nas orgias,  
Zombára do poder, fôra uma vil megera;  
E, ao vêr fechada a conta dos seus dias,  
Via na cova escura as fauces d'uma féra.

E brada: «Vou morrer! e morro impenitente!  
«De nada vale mais a minha formosura!»  
Um padre approximou-se e disse docemente:  
«Abraça o crucifixo, ingrata creatura!

«A Deus pede perdão do teu nefando crime!»  
Fazendo um grande esforço, a filha do Peccado  
Na face de Jesus um longo beijo imprime...  
— Redimiu n'esse beijo o horror do seu passado...

Visconde de S. Boaventura.



Mont'Estoril — «Chalet» da sr.ª Marqueza de Pomares?

ser precursora dos deliciosos sorvetes, que as damas elegantes, mais ou menos nias, tomam com distincção á porta das confeitarias e restaurantes.

E, para que tudo se diga, não esqueça ao historiador, que me queira dispensar a honra de ler isto, de transmittir para a posteridade, que essa salada, levava como a de hoje por condimentos, umas rodas de cebola, bem como o indispensavel azeite e vinagre.

L. F. MARRECAS FERREIRA.

Com o intento de resalvar o filho da vingança do João Gaio e esperar que o tempo conjurasse o perigo, pediu Balbina com muitas lagrimas a Roberto que mandasse o Arthur para Coimbra, e contou lhe tudo. «Se elle com poucos estudos já é tão patife que deshonrou a prima e não quer casar com ella, que fará quando fôr doutor?», Esta refutação no analfabeto Roberto Rodrigues é a condemnação da instrucção primaria como inutil para se pensar e exprimir com acerto. Ha homens sem ressaibo de letra redonda nos quaes Deus incute infusões de logica. Elles dão ares de subir ao Cenaculo a evangelisar concertos immortaes. Sim, meu velho Rodrigues! se aquelle patife com um pouco de francez de Laplace e um pouco de latim de Tito Livio, ainda estranho á Rhetorica do Cardoso e á Logica do dr. Doria, deshonrava a prima com perfida promessa de casamento, que faria depois, ao sahir do poço da sciencia, a escorrer pus de corrupção e pandectas de todo elle, á proporção da sabedoria? Fizeste muito bem, honrado lavrador, em castigar assim o filho do teu compadre — fizeste muito bem!

Camillo Castello Branco.



Mont'Estoril — Casa, genero inglez, do sr. Abel Barradas  
(Chicla de Abel Barradas — smador).

## No tumulto dos Samourais



Doutor José Dias Ferreira

† em Vidago a 8 de setembro de 1907

*O jurista eminente que, fulminado por uma congestão cerebral, desaparece, aos setenta annos, da scena do mundo, tão grande memoria deixa do seu nome, da sua vida e da sua obra, que, para honra-lo e fazer-lhe justiça, só tem auctoridade e voz a Historia que para elle começa.*

*No fóro, na sciencia do direito, na tribuna parlamentar, na cathedra de lente da Universidade, e na cadeira de ministro ou de chefe de governo, por igual se revelavam as suas amplas faculdades, e com a illustração do professor tanto a maravilha se casava o alto criterio do homem de governo, a ponderação grave ou a resolução energica do estadista, a brilhante superioridade do orador, a hombridade e a independencia do caracter, que no nosso tempo, falho de homens dedicados ao trabalho aturado e vigoroso, pouco habituado a coherencia de ideias e de principios n'uma longa vida publica, deve considerar-se de luto nacional, na acceção rigorosa da expressão, o dia em que desaparece da terra um homem da estatura social de José Dias Ferreira.*

\*E' aqui que a cabeça foi lavada: não mergulhem nem os pés nem as mãos!

Este é o letreiro feito a pincel, n'uma taboinha de madeira branca, á borda da mais fresca e da mais deliciosa das fontesinhas, — debaixo de grandes arvores, a meia altura de umbrosa collina que olha de longe para a bahia de Yeddo.

Nunça inscripção tão lugubre foi posta em sitio mais encantador! Essa agua "em que é preciso não molhar nem os pés nem as mãos, é limpida, jaz n'um tanque de velhos penhascos, sobre musgos aquaticos frescos e preciosos, admiravelmente verdes. Ao lado da fonte prohibida existem arvores anãs com folhagens delicadas



Funeral do conselheiro José Dias Ferreira  
No largo dos Prazeres

de tão formoso verde como o dos musgos, e uma grande camelia silvestre, que espalha profusamente as suas flores simples, semelhantes a rosas bravas. O lugar é tranquillo, afastado de toda a bulha d'este mundo. Enchem a collina sepulturas antigas e pagodes escondidos no arvoredo. Ao aroma das plantas vem misturar-se religioso perfume de incenso, de que a atmosphaera está impregnada como estaria a atmosphaera de um templo.

O letreiro não diz que cabeça cortada é essa que foram lavar na agua limpida; diz sómente: "a cabeça."

— Mas todos os transeuntes o sabem. N'este paiz, em que o povo tem o culto das lendas e dos mortos, tornam-se inuteis mais explicações...

E eu, de resto, apesar de estrangeiro, tambem o sei. Em creança, li outr'ora, n'um manuscrito raro, a historia dos "quarenta e sete Samourais fieis, e apaixonei-me por heroes tão cavalleirosos; como lia muito pouco, a lenda fixara-se-me na memoria, e promettera a mim mesmo que, se o acaso me trouxesse um dia ao Japão, iria prestar homenagem ao seu tumulto.

Precisamente lêra essas paginas em dias de novembro, formosos e tranquillios como o de hoje; a coincidência da estação e tempo semelhantes torna mais completa a associação das minhas idéas infantis, resuscitadas agora, com as minhas impressões presentes. E' curioso até o modo exacto pelo qual eu imaginara este lugar — que me parecia então longinquo, longinquo, quasi imaginario; até previra os arbustos anões e as camelias silvestres floridas ao redor.

\*E' aqui que a cabeça foi lavada, — (a cabeça do cruel principe Kotsuké, cortada pelos bons Samourais, com a delicadeza mais primorosa, apoz toda a especie de desculpas previas; depois, lavada na agua d'esta fonte e conduzida piedosamente para sobre e tumulto de Akao, o principe martyr).

O certo é que me vejo obrigado a recordar a historia em poucas palavras, sob pena de não ser comprehendido.

Cerca de 1630, o cortezão Kotsuké, depois de ter insultado o principe Akao e recusado dar-lhe satisfação, conseguiu perfidamente do imperador uma sentença iniqua que o condemnava á morte e ao confisco de todos os bens.

Foi então que quarenta e sete fidalgos, vassallos fieis e amigos do suppliciado, juraram entre si vingar a honra de seu amo, á custa das proprias vidas. Depois de abandonarem mulheres e filhos, tudo o que tinham de caro no mundo, emprehenderam a realisação do projecto com teimosia sublime, espregitando a hora favoravel no mysterio mais profundo — durante cerca de vinte annos! — até que enfim, n'uma noite de inverno,



Funeral do conselheiro José Dias Ferreira  
Junto á estação do Rocio, momentos antes do cortejo se pôr em marcha



Funeral do conselheiro José Dias Ferreira

*A cavallaria seguindo o coche fúnebre*

foram surpreender e degolar, no seu palacio, esse famoso Kotsuké, cuja longa desconfiança pouco a pouco adormecera, e que não tinha em roda de si mais do que um pequeno numero de guardas.

Satisfeita a vingança, deposta a cabeça do perfido no tumulo de Akao, os quarenta e sete fidalgos foram de motu proprio entregar-se aos juizes. Foram condemnados a rasgarem a si proprios os ventres. Já o esperavam, e depois de se terem abraçado, procederam á operação todos juntos na escadaria de um pagode, perto do tumulo do seu amado senhor.

Esse pagode existe aqui, a pouca distancia da deliciosa fonte: velho templosinho vermelho escuro, de madeira carunchosa de cedro. O caminho para lá é uma triste avenida cheia de herva. Nos degraus do pagode, lavados pelas chuvas de tresentos invernos, não se vê já vestigio de tanto sangue que aqui correu; custa a imaginar a hedionda carnificina, o estertor dos quarenta e sete homens, com a cabeça meio decepada, o ventre aberto, as entranhas espalhadas, estorcendo se juntos n'uma poça de sangue . . .

Tiveram a sua recompensa depois da morte, esses fleis, porque um dos imperadores seguintes proclamou os santos e martyres, e fez collocar sobre o tumulo d'elles certa folhagem de ouro emblematica da honra suprema. O Japão inteiro venera-os ainda hoje com culto entusiasta; o seu nome anda por toda a parte; é uma das primeiras coisas que se ensina ás creancinhas, e é cantado nos maiores poemas.

O lindo atalho verdejante que leva á fonte, prolonga-se para o lado d'esta por uma rampa suave.

Continuando encontra-se primeiro a casita do bonzo, encarregado das sepulturas dos heroes e das flores que as adornam.

Bato á porta e o velho apparece. Tem um rosto original de guarda tumular, magro, feio, a um tempo ascetico e astuto; é alto e franzino, o que no Japão constitue grande raridade. Um barrete



Funeral do conselheiro José Dias Ferreira

*No cemiterio*

preto atado debaixo da barba—como aquelle com que, no nosso occidente se cobria outr'ora o grande Mephistopheles—envolve-lhe a cabeça, os cabellos, as orelhas, não deixando de fóra senão a frente da cara; e o barrete tem até de cada lado da frente, duas especies de protuberancias inquietadoras, que não parecem senão estojos talhados na fazenda, para guardar ali os chavelhos . . .

O homem vende livros em que a historia dos quarenta e sete Samourais é contada nos seus proemneros ingenuos e sublimes, documentados com muitas estampas. A casa está quasi cheia com pacotes de varinhas de incenso, que é tambem um dos seus commercios com os peregrinos, e que se queimam aqui todos os dias vae para tres seculos.

As sepulturas, junto das quaes o bouzo me conduz, occupam a meia encosta uma especie de esplanada quadrada, donde a vista mergulha sobre uma paisagem toda arborizada, tranquilla, com o mar no extremo horisonte. A esplanada é rodeada de modesta grade de madeira, e ladeada de grandes arvores funerarias, direitas e rigidas, elevando-se como columnas de um templo.

Nas quatro faces dos quadrilatero, os tumulos estão alinhados, doze a doze pouco mais ou menos, olhando todos para o centro—que é uma pequena praça vasia, coberta de herva rasa e como que polvilhada de incenso. Quanto a estas pedras erguidas, eguaes umas ás outras, toscas como menhirs de granito, tendo cada uma o nome do Samourai que dorme debaixo d'ella, e marcadas todas com o signal especial: *Harakiri*,—que quer dizer que esses Samourais



Funeral do conselheiro José Dias Ferreira

*Entrando a porta do cemiterio*

morreram á maneira terrificante dos homens honrados, abrindo os ventres com os seus proprios punhaes.

Em dois angulos do quadrado sinistro erguem-se pedras mais altas: são as do principe Akao e a da princeza sua esposa. Mesmo ao lado do principe, n'um tumulo pequenino, enterraram o seu filhinho, — o seu *mousko-san*, como lhe chama o guarda de barretinho preto. E esta expressão de *mousko-san* faz-me sorrir, apezar do recolhimento do logar, *mousko* que significa *rapazinho* emparelhado á particula honorifica *san*. Tal qual como se entre nós dissessemos com gravidade e convicção: "E' aqui ao lado do principe que repousa o senhor seu *rapazinho*". Mas tudo o que diz respeito a esta historia é de tal maneira santo e veneravel para todos os japonezes, que as fórmulas de falar não podem nunca peccar por excesso de respeito.

Deante de cada uma das pedras, ha bellos ramalhetes, flores pequeninas, evidentemente colhidas esta manhã; ha tambem monticulos de cousas pardacentas, restos de varinhas de incenso, cujas cinzas ainda cheirosas o vento passeia por sobre a herva triste ao redor. E assim tem sido, sem interrupção desde o anno de 1702, e assim será certamente durante muitos annos ainda, porque o impeto de modernismo que no Japão faz desaparecer tantas cousas, parece não ter influido no culto do povo pelos mortos.

A filha de um dos Samourais que era sacerdotiza, conseguiu ser posta ali tambem, ao lado do pae, o que faz, fóra do alinhamento, um tumulo a mais. De certo essa *mousmè* tem as suas flores como os outros, flores e incenso, a sua parte de lembrança e veneração.

Espantosa quantidade de tirinhas de papel, brancas ou vermelhas, com nomes escriptos, acham-se colladas nas pedras tumulares, ou lançadas naservas ao pé: são os nomes dosromeiros que diariamente vem de todos os cantos do imperio, prestar homenagem aos fidalgos fleis. Encontram-se até ali verdadeiros bilhetes de visita perfeitamente á moderna, gravados em cartão "Bristol,

baço ou polido, — e daria realmente vontade de rir este costume de deixar bilhete aos mortos que "não recebem, se não fosse tão commovente . . .

O velho guarda magro, encostado a uma das arvores, a cabeça lançada para traz tenta contar-me de fio a pavio a historia dos Samourais, n'uma lingua cujas palavras infelizmente me escapam na maior parte. Mas não me aborreço a ouvil-o, ora observando-o com a ideia importuna de lhe tirar o barrete só para ver se não tem chavelhos por baixo d'elle, — ora passeando os olhos pela profunda paisagem tranquilla, pela collina semeada de pequenos pagodes, de tumulos, de moitas de camelias, por todas essas cousas, cujo aspecto não deve ter mudado muito desde a época longinqua do *Harakiri*.

As arvores despidas da cerca, direitas, perfiladas, como alinhamentos de tochas gigantes, agitam os topos lá em cima, movidas por uma brisa de outomno que sopra mais forte nas regiões elevadas da atmosphaera. E as cigarras cantam por toda a parte ao sol ainda quente de novembro.

Na verdade o sitio tem grande e singular melancolia. E depois a historia é tão bella, para quem a sabe por miudos; é tão extraordinaria de heroismo, de honra exaggerada, de fidelidade sobrehumana!

Mas é inexplicavel como velho enigma para quem conhece os japonezes de hoje, dengosos e degenerados; evoca a idéa de um grande passado nobre e cavalheiroso, — e lança mesmo n'este momento uma sombra de respeito sobre o Japão moderno de que tenho zombado tanto.

Eu por mim não trouxe flores frescas aos quarenta e sete heroes que aqui dormem. Pelo contrario, furto até uma chrysanthema

ao ramalhete pousado sobre o tumulo do seu chefe, e vou levá-la — até França — o que de resto, em forma inversa, é uma homenagem igual prestada á memoria d'elles todos. . .

PIERRE LOTI.

## D. Sebastião

Inclito rei! Symbolo verdadeiro  
D'esta infeliz e sonhadora raça  
Que em tudo e sempre ingenuamente passa  
A esperar-te em manhãs de nevoeiro.

E quanto mais o fado traiçoeiro  
Lhe aperta a gola ferrea da desgraça  
Tanto mais em sua mente lhe esvoaça  
O teu lendario vulto aventureiro

D'onde virás? Quem és? Ninguém sabe,  
Doce visão torna-te realidade!  
E, embora corra o sangue ahí a rodos,

Surge por fim, apressa a tua vinda  
Porque afinal, oh! rei, tu és ainda  
A derradeira esperanza de nós todos.

Gomes Sanches.

## Assumptos religiosos



*Santa Cecilia*

Quadro de Carlo Dolce existente no museu de Dresden